

# BRONCO BILLY / 1980

*(Bronco Billy o Aventureiro)*

Um filme de CLINT EASTWOOD

**Realização:** CLINT EASTWOOD / **Argumento:** Dennis E. Hackin / **Fotografia:** David Worth / **Direção Artística:** Gene (Eugene) Lourié / **Montagem:** Joel Cox, Ferris Webster / **Música:** canções por Larry Bastion, Steve Dorff, Clint Eastwood, Snuff Garrett, Larry Herbstritt / **Intérpretes:** CLINT EASTWOOD (Bronco Billy McCoy), Sondra Locke (Antoinette Lilly), Geoffrey Lewis (John Arlington), Scatman Crothers (Doc Lynch), Bill McKinney (Lefty LeBow), Sam Bottoms (Leonard James), Dan Vadis (Chefe Big Eagle), Sierra Pecheur (Lorraine Running Water), etc.

**Produção:** Robert Daley, para Malpaso / **Cópia:** DCP, colorida, versão original legendada eletronicamente em português / **Duração:** 116 minutos / **Estreia Mundial:** Novembro de 1980 / **Estreia em Portugal:** Vox, em 23 de Janeiro de 1981

---

**Bronco Billy** é o sétimo filme dirigido por Clint Eastwood, e até **Honkytonk Man/A Última Canção** era o seu favorito. Visto à distância, podemos dizer, hoje, que se trata do filme mais “pessoal” do realizador, aquele que contém mais traços da sua personalidade cinematográfica e real. Bronco Billy é uma pura personagem de ficção em que um homem da cidade materializa os seus sonhos, fazendo dela, também, a sua forma de vida. Como “o homem sem nome”, Harry Callahan e outros são “personagens” a que Clint Eastwood dá corpo e vida e transforma em mitos. Bronco Billy é também um mito que só existe porque é preciso e porque há quem nele acredite.

Em determinada altura do filme, Bronco Billy conta as suas origens: nascido em Jersey, empregado de uma sapataria, resolve um dia cortar com tudo o que a cidade representa e materializar os sonhos juvenis de quando ia ao cinema ver os filmes de Roy Rogers e outros heróis do Oeste. Billy faz um corte radical com a civilização, assume tanto a vida como as regras e códigos do género e cria o espaço ideal para lhe dar corpo e vida: um circo, um típico “Wild West Show”, de que ele é a principal atracção como o mais rápido e certeiro atirador. À sua volta, sob o capitel, juntam-se outros “marginais” e sonhadores: um casal de brancos que sempre quiseram ser índios e o fazem agora, ele com o nome de “Chief Big Eagle” (Dan Vadis), ela como “Running Water” (Sierra Pecheur), e até um desertor, fugindo à guerra do Vietnam, o jovem Leonard James (Sam Bottoms), entre outros. Todos “falsos” e todos verdadeiros, vivendo o “sonho” ou, pelo menos, a vida como gostariam de viver. À sua volta o mundo real, é um lugar marcado pela hipocrisia, a mentira, o oportunismo e a traição. Um mundo que eles recusam mesmo que lhes sofram (e duramente) os reflexos. Para libertar James, preso por um sheriff venal, Billy não só é forçado a dar-lhe as economias, mas também a “humilhar-se” à sua frente, recusando o “duelo” a que aquele o quer forçar. E isto, apesar de saber que James é um desertor, e que ele, Billy,

é um patriota que procura ser também um modelo de americanismo puro, tal como aqueles cowboys que amou em criança, e que são, por sua vez, os seus modelos. Uma sequência ilustra bem esta última atitude, e que é o seu encontro com o grupo de crianças de uma escola, a quem diz palavras que são o exemplo do discurso “patriota” e conselhos que parecem saídos do “decálogo do perfeito cowboy” escrito por Gene Autry para as crianças. É um outro mundo cuja vivência Billy leva por vezes até à irrisão, senão mesmo ao absurdo. Como na sequência em que, vendo-se sem nada (ao dinheiro perdido junta-se o desastre da perda da tenda do circo, num incêndio durante um espectáculo), resolve assaltar... um comboio, na melhor “tradição” do Oeste de Jesse James e da Wild Bunch de Butch Cassidy e Sundance Kid! Só que os comboios de hoje não são como os do século XIX, e a ingloria corrida do cavalo atrás das carruagens tem como corolário burlesco a figura de Big Eagle “armado” de arco e flechas, dentro do automóvel, preparado para o assalto. Billy é um puro D. Quixote moderno, e nenhuma outra cena ilustraria melhor a comparação, tomando o comboio o lugar dos moinhos de vento e a pose de Billy a cavalo sobre a via-férrea como a do “Cavaleiro da Triste Figura” arremetendo sobre o seu Rocinante, sendo Big Eagle e Doc Lynch (Scathman Crothers) variantes de Sancho Pança.

Este filme que parece procurar uma pureza primitiva, toma deste modo a forma de uma parábola que não se distingue muito das parábolas de Frank Capra. **Bronco Billy** pode ser visto, como foi apontado, como o **Mr. Deeds Goes To Town** ou o **You Can't Take It With You** de Clint Eastwood. A comparação é de ter em conta principalmente em relação ao primeiro, com a figura de Clint retomando a imagem física de Gary Cooper (em nenhum outro filme Clint se pareceu tanto com intérprete de **The Plainsman** e **The Westerner**, não só no perfil como na forma de ser e de se mover). Mas a comparação com o cinema de Capra é ainda mais clara com a aparição da personagem feminina, Antoinette Lilly (interpretada por Sondra Locke, ao tempo companheira de Clint na vida real), uma daquelas herdeiras caprichosas como a Claudette Colbert de **It Happened One Night**, e mulheres voluntariosas como Jean Arthur em **Mr. Deeds** ou Barbara Stanwick em **Meet John Doe**. E a relação de Lilly com Billy segue um percurso semelhante aos dos modelos caprianos, inclusive (e principalmente) no belíssimo final com a renúncia de Lilly à vida cidadina milionária, trocando-a pela companhia de Billy e do seu circo ambulante. Capriano nisto e até na forma como se interrompe a tentativa de suicídio de Lilly, e a sua imediata reacção.

Esta utopia que busca uma pureza primitiva perdida, este “road movie” pela paisagem e pelo “passado” americanos e esta celebração dos mitos do tempo dos pioneiros é o que melhor identifica o cinema de Clint Eastwood (cujos reflexos se encontram, de forma mais trágica, em **A Perfect World**, e mesmo, subliminarmente, nesse fabuloso **Mystic River** que ele apenas dirigiu). A tenda nova (construída no asilo de alienados) que é um patchwork de bandeiras americanas representa essa mística do passado, o céu que protege sonhadores e vagabundos, que Emerson idealizou e Walt Whitman cantou. Refira-se ainda, para destacar o que Bronco Billy representa como projecto pessoal, o facto de Clint Eastwood, ter composto, pela primeira vez para o cinema, algumas canções, e cantando uma delas ao lado da cantora “country-western” Merle Haggard.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico